

REPERCUSSÕES DA RESISTÊNCIA AOS AGENTES DE COMBATE ÀS ENDEMIAS NA SAÚDE COLETIVA DE EUNÁPOLIS

Autor(res)

Diana De Lima
Mariana Crissângila Trigueiro Da Silva
Larissa Neves Dos Reis
Maria Fernanda Dalapicola Munuera
Nathália Pires Gavassoni
Mariana Leal Freire Baldo
Ester Dos Reis Guedes

Categoria do Trabalho

Extensão

Instituição

FACULDADE PITÁGORAS DE EUNÁPOLIS

Introdução

As arboviroses, como dengue, zika e chikungunya, constituem importantes problemas de saúde pública no Brasil, especialmente em municípios de médio porte, onde fatores ambientais, sociais e estruturais se entrelaçam, ampliando o risco de transmissão (Machado, 2023). Essas doenças, transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*, exigem ações contínuas de vigilância, prevenção e controle. Nesse contexto, a atuação dos Agentes de Combate às Endemias (ACEs) é fundamental, uma vez que esses profissionais são responsáveis por identificar e eliminar criadouros, orientar a população e contribuir com o monitoramento epidemiológico nos territórios adscritos à Atenção Primária à Saúde (APS) (Salvi et al., 2021).

Entretanto, observa-se, em diversas localidades, resistência por parte da comunidade em receber esses profissionais em suas residências, fenômeno que se manifesta de formas diversas, desde a simples recusa de entrada até atitudes de desconfiança e hostilidade. Essa resistência compromete não apenas o trabalho técnico dos ACEs, mas também o vínculo entre a população e os serviços públicos de saúde, prejudicando a efetividade das ações de vigilância (Matos et al., 2020; Salvi et al., 2021). Tal recusa reflete dimensões culturais, comunicacionais e sociais complexas, que extrapolam o campo individual e se relacionam diretamente aos Determinantes Sociais da Saúde (DSS) (Broch et al., 2020; Ribeiro et al., 2024).

De acordo com a perspectiva da Saúde Coletiva, o enfrentamento das arboviroses não pode se restringir a ações técnicas, mas deve incorporar práticas sociais, educativas e interdisciplinares, promovendo a corresponsabilização da comunidade (Paim, 2006). Nesse sentido, os ACEs configuram-se como agentes estratégicos na interface entre o serviço e a população, atuando como mediadores entre o saber técnico e o saber popular (Costa et al., 2025).

O projeto foi desenvolvido na UBS Lourdes Seixas, localizada na Avenida Sudoeste, bairro Santa Lúcia, em Eunápolis-BA, cuja área de abrangência contempla dois territórios com aproximadamente sete mil habitantes. O município conta com 87 ACEs, sendo 67 atuantes diretamente no combate e 20 envolvidos em ações educativas, para uma população estimada em 121 mil habitantes (IBGE, 2025), evidenciando um descompasso entre

demanda populacional e força de trabalho.

O projeto consistiu na construção de um folder educativo intitulado “Quando a porta se fecha: os impactos da recusa à visita dos Agentes de Combate às Endemias”, elaborado em linguagem acessível e visualmente atrativa, voltado à sensibilização comunitária sobre a importância da atuação dos ACEs. Por meio dessa intervenção educativa, buscou-se fortalecer o vínculo entre comunidade e serviço, promover reflexão crítica e valorizar o papel desses profissionais na promoção da saúde coletiva.

A proposta também contribui para a consolidação do tripé ensino–pesquisa–extensão, permitindo que estudantes vivenciassem práticas reais na Atenção Primária e refletissem sobre os desafios do Sistema Único de Saúde (SUS). Assim, a resistência da comunidade, mais do que um obstáculo, tornou-se um ponto de partida para a construção de uma ação transformadora e dialógica.

Objetivo

Compreender as barreiras socioculturais que dificultam a atuação dos Agentes de Combate às Endemias no município de Eunápolis–BA.

Elaborar uma tecnologia educacional (folder) com linguagem acessível e conteúdo educativo sobre a importância da atuação dos ACEs na prevenção das arboviroses e promoção da saúde.

Material e Métodos

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, desenvolvido na UBS Lourdes Seixas, em Eunápolis–BA.

A coleta de dados ocorreu por meio de três estratégias principais (Imagens):

- (1) Observação acompanhada dos ACEs no território, registrando situações de recusa e dificuldades operacionais;
- (2) Com base nas evidências coletadas, elaborou-se o folder educativo “Quando a porta se fecha”, posteriormente apresentado aos ACEs durante devolutiva presencial.
- (3) Escuta presencial com 11 ACEs e 1 ACS, utilizando roda de conversa para identificação das barreiras enfrentadas somado a veiculação de formulário online, que obteve cinco respostas, permitindo identificar limitações no uso de tecnologias digitais.

Os dados foram analisados conforme a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), resultando em categorias temáticas representativas da experiência dos agentes.

A extensão seguiu todas as normas regulamentadas na Resolução nº466/2012 do Ministério da Saúde.

Resultados e Discussão

A participação presencial dos agentes durante a ação mostrou-se extremamente significativa: ao todo, 12 profissionais, entre ACEs e ACS, estiveram presentes e contribuíram de forma ativa, compartilhando relatos espontâneos sobre situações de recusa, medo por parte da população, insegurança nos domicílios e sobrecarga de trabalho no cotidiano das visitas. Esses discursos revelaram percepções, sentimentos e vivências que não emergiram nas respostas do formulário digital, demonstrando que o espaço presencial favoreceu uma escuta mais qualificada e profunda.

A partir desses relatos, tornou-se possível identificar com clareza as barreiras socioculturais que atravessam o trabalho dos agentes, destacando-se a desconfiança dos moradores, a falta de informação, a percepção distorcida do risco das arboviroses e o impacto da insegurança urbana sobre a receptividade das visitas domiciliares. Ao mesmo tempo, observou-se forte aceitação do folder educativo produzido no âmbito do projeto: os ACEs avaliaram positivamente o material e solicitaram todas as unidades disponíveis para utilizá-lo em uma feira municipal,

3º COLÓQUIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ampliando espontaneamente o alcance da intervenção. Essa expansão extrapolou o território inicialmente planejado (UBS Lourdes Seixas), alcançando outros bairros e ações comunitárias da cidade, o que reforça tanto a pertinência quanto à utilidade prática da tecnologia educativa desenvolvida.

Além disso, a ação contribuiu para o fortalecimento do vínculo entre estudantes, agentes e equipe da UBS, uma vez que os profissionais relataram sentimento de valorização ao reconhecerem seu trabalho representado e legitimado na proposta. Esse acolhimento simbólico, associado ao engajamento espontâneo dos ACEs, evidencia o impacto social da intervenção e reafirma o papel da extensão universitária como ponte entre conhecimento científico, território e protagonismo comunitário.

A análise dos dados obtidos por meio do questionário aplicado aos Agentes de Combate às Endemias (ACEs), complementada pelas observações realizadas durante a ação presencial, foi conduzida de acordo com a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011). O corpus da análise foi composto por dezesseis participantes, cinco respondentes do formulário online e onze que participaram presencialmente da roda de conversa na UBS Lourdes Seixas, além das anotações de campo realizadas pelas discentes responsáveis pela ação.

A análise seguiu as etapas de pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados, culminando na identificação de seis categorias temáticas emergentes, apresentadas a seguir.

A análise revelou seis eixos principais:

1. Barreiras estruturais e organizacionais à atuação dos ACEs

“Há uma discrepância entre o número de ACEs e o tamanho da população.”

2. Fatores socioculturais e comunicacionais da resistência:

“O morador sabe o que a dengue causa, mas não aceita o profissional.”

3. Estratégias de enfrentamento e práticas educativas

“Tento informar a realidade do município na questão da infestação e retorno quando necessário.”

4. Apoio institucional e reconhecimento profissional

“O apoio é escasso, não somos muito ouvidos e falta respaldo sobre como agir.”

5. Avaliação da tecnologia educativa: o folder “Quando a porta se fecha”

“O folder está bem didático, dá para colocar nas caixas de correio quando não abrem a porta.”

6. A ausência como resposta: reflexões sobre a participação

“A falta de resposta também é resposta.”

Os resultados obtidos revelam que a resistência comunitária aos ACEs é um fenômeno multifatorial, influenciado por fatores estruturais, socioculturais e institucionais. A ação extensionista permitiu compreender essas barreiras e, ao mesmo tempo, produzir uma intervenção transformadora, construída de forma colaborativa entre estudantes, profissionais e comunidade. A experiência reforça o potencial pedagógico da extensão universitária e o papel do ACE como protagonista da promoção da saúde, apontando para a necessidade de políticas públicas que valorizem sua atuação e fortaleçam a vigilância em saúde no âmbito da Atenção Primária.

Conclusão

O projeto alcançou seus objetivos propostos. Embora a resistência da população persista, o diálogo estabelecido entre discentes, profissionais e comunidade mostrou-se promissor para ressignificar o papel do agente de endemias como educador em saúde e elo fundamental do SUS.

O folder “Quando a porta se fecha” foi amplamente aceito e incorporado pelos ACEs em suas práticas, sendo utilizado em ações comunitárias posteriores, o que demonstra o impacto social e educativo da intervenção.

A ausência de resposta ao formulário on-line, por outro lado, reafirma o desafio da baixa participação social, que por si só constitui um dado importante sobre o fenômeno estudado, a recusa e o distanciamento. Como

3º COLÓQUIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

perspectiva futura, recomenda-se ampliar o número de participantes e desenvolver novas tecnologias educativas, fortalecendo o diálogo entre academia e comunidade.

Referências

BROCH, D.; RIQUINHO, D. L.; VIEIRA, L. B.; RAMOS, A. R.; GASPARIN, V. A. Social determinantsof health and community health agent work. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 54, e03558, 2020. DOI: 10.1590/S1980-220X2018031403558.

Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32401888/>. Acesso em: 05 out. 2025.

DIAS, Í. K. R. et al. Ações educativas de enfrentamento ao Aedes aegypti: revisão integrativa. Ciência. & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 231-242, 2022. DOI: 10.1590/1413-81232022271.33312020.

Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35043902/>. Acesso em: 11 out. 2025.